

©Hello Freitas
✱

Discurso no 5º
aniversário
do Armistício
no Teatro
Avenida

Discurso proferido na Sessão solemne da Liga dos ex-combatentes da Grande Guerra, no Teatro Aveirense, no dia 15-XI-1923

Senhor Presidente

Agradeço a V. Ex.^a a honra, que me deu, conferindo-me a palavra com precedencia d'outros oradores que, por ventura, tenham de tomar parte nesta sessão solemne, comemorativa do esforço de Portugal na chamada grande guerra.

Meus Senhores! Imploro a vossa indulgencia, muitissima indulgencia, e ainda maior do que aquela que acabo de pedir-vos. Gostaria de falar depois de outros discursadores, porque eu veria quaes eram os trechos explorados e cingir-me-ia precisamente ao que, no ambito das minhas forças, restava dizer-vos, mas na minha ignorancia da jornada a emprehender eu tomarei por atalhos impervios e atacarei pontos talvez dispensaveis. Relevem-me o descaminho e confiado na benevolencia com que costumais attender-me vou entrar no assumpto.

Pavorosa guerra essa de quatro annos, de 1914 a 1918, de uma formidavel conflagração europeia, que foi a maior guerra de todos os tempos e que arrastou os povos da Asia, America e Oceania a entrarem a fundo no prelio, ensanguentando as terras e os mares.

Era prevista, estava talhada no livro dos destinos.

O barão Stoeffel, agente diplomatico na Alemanha, prevenira a França antes de 1870, muito a tempo, de que a hegemonia da Prussia se desenhava, e que aquella confederação se militarisava até ao ultimo extremo, passando dos exercitos permanentes ao estado de nação armada, estudando com intensidade e afincio o modo de invadir e subjugar a nação visinha.

Veio a guerra de 1870 e a França foi batida por grandes exercitos, ella que apresentava apenas 300 mil homens em linha de batalha, com peças de bronze e um serviço de metralhadoras, que constituíam uma invenção nova. Alem do principe real, grandes generaes, como Moltke Roon, Manteuffel, e o principe Frederico Carlos levavam adeante de si os soldados inimigos. Debalde Faiderherbe e Chanzy, á voz inflamada de Gambeta, improvisavam exercitos. A derrota foi inflexivel e a França perdeu a Alsacia e a Lorena.

Os factos consumaram-se e desde então, porque os factos teem tambem a sua logica, durante quarenta e quatro annos a França sonhou, dia e noite, com a *revanche*, a desforra. Ella não podia resignar-se a perder essas provincias sagradas que eram o berço d'algumas das suas glorias authenticas como Kleber, um grande soldado duma intrepidez sem limites,



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

FUNDO
LOCAL

Sarah Bernhardt, essa surprehendente tragica, representando n'um paiz do norte, creio que na Dinamarca, enfeitou a plateia como de costume. A sua figura esbelta, a sua declamação inexcelsível, e a sua voz de ouro conquistavam-lhe os maiores triunfos scenicos. Um diplomata allemão, seduzido tambem, procurou-a no camarim, flicitou-a e entre os cumprimentos elogiosos pediu-lhe qualquer lembrança bem simples, por exemplo um cabelo da sua cabeleira magestosa e opulenta.

Sarah sorriu-se e condescendeu, mas que só d'ahi a poucos dias satisfaria o compromisso.

Mandou fazer uma placa representativa da Allemanha, e outra mais pequena representativa da Alsacia e Lorena e ligou as duas placas com um dos seus cabellos loiros e dourados. Na hora aprasada fez entregar ao diplomata, n'um escriptorio, aquella lembrança solicitada.

Não era difficil adivinhar o enigma pictoresco nem a intensão.

A França sabendo que a sua população era de escassos 40 milhões de habitantes, e que a Allemanha attingia quasi 70 milhões, preocupada com uma guerra indeclinavel, tractou de estudar a forma de poder defender-se de tamanho perigo.

Em vez de confiar no numero, por uma estrategia intelligente, entendeu que deveria empregar a mobilidade e a manobra, e só confiar na coragem e no patriotismo inexcelsível dos seus soldados.

Já Strabão dissera que o *gaulez* presava acima de tudo a espada. Os allemães reconhecem por outro lado que só muito acidentalmente tem tido generaes capazes de bater os generaes francezes. Mas a triplice alliança entre a Allemanha, a Austria e a Italia era um pesadelo oppressor.

Necessidades reflectidas crearam depois a *entente cordial* que, em determinadas eventualidades, ligaria a Inglaterra e a Russia á sorte da França.

E assim se procurou manter em equilibrio as forças politicas da Europa.

O incidente de Serajevo deu ensejo a explodir a grande guerra. Foi um pretexto que a ambição allemã aproveitou com muita sofreguidão.

O Kaiser, que eu não desejo offender porque está no exilio, tomava sempre attitudes bellicas. E' assim que proclamava que *os seus exereitos tivessem sempre a polvora bem enxuta e que as espadas estivessem sempre bem afiadas.*

Bethmann Hollweg—para justificar a invasão atravez da Belgica—lançou o boato imprudente de que *os tratados eram farra pos de papel.*

De nada lhe aproveitou essa violação maldita. A Providencia encarrega-se de provar que os calculos mais bem formados caem em estilhas deante de accidentes minimos. Os allemães fiavam-se na *velocidade* que imprimissem ás suas hostes, e nas *massas profundas* do ataque.

Os francezes pelo contrario contavam com a *serenidade*, com

a *coragem*, com a *bravura* da sua raça e sobretudo com o *patriotismo* dos seus soldados.

Esse foi o segredo do chamado *milagre do Marne*.

Um homem de caracter, um esplendido caracter, boçal e nobilissimo, o arraes Gabriel Ançã, de Ilhavo, costuma dizer—Se um homem de bem depois de morto é apenas uma canastra de esturme, o que será o cadaver de um malvado?

Pois Bethmann Hollweg, que dizia que os tractados internacionais eram farrapos de papel dentro em pouco elle é que era, depois de morto, muito menos do que um farrapo desprezível.

Desencadeada a guerra, Portugal fiel a uma alliança secular, teve de partilhar da aventura e dos riscos extraordinarios e ingentissimos d'ella. A Inglaterra tem o dominio dos mares e um appetite notavel. Foi assim que até um dia disputou ao Brasil uma nesga deserta no oceano, a ilha da Trindade, com o fundamento de que não estava lá ninguém nem sequer a bandeira brasileira.

Na mesma orde de ideias eu já lembrei, em conversa com um amigo meu, que deveríamos ir a Londres ao *Hyde Park* e n'uma das placas do jardim, quando estivesse deserta, cravar ali a nossa bandeira nacional. Viriam os protestos, é claro, mas assistir-nos-ia o direito de clamar que não estava lá nenhum inglez, nem bandeira alguma ingleza.

A Inglaterra, dizia eu, tem o dominio dos mares, mas por vezes solicitara encarecidamente, e até por intervenção da Lord Haldane, que a Allemanha não continuasse construindo couraçados. O receio era forte. A Allemanha não fez caso da advertencia e na Inglaterra, em sobressalto, houve talvez quem temesse que o espirro dos canhões no canal de Kiel constipasse todos os subditos britannicos.

Nessa formidavel contenda de quatro annos sinistros tivemos de entrar. E o que lucrámos nós? Pode dizer-se que materialmente nada.

A Inglaterra liquidou as esquadras allemãs, e os restos foram acabar em Scapa-Flow, mas sobretudo apossou-se das colonias da Damaralandia, e do sudoeste africano, arredondando as suas pretensões mundiaes.

A França ganhou a Alsacia e Lorena e acabou com o espinho colonial do chamado *bico de pato* e firmou-se em Marrocos.

A Italia lançou a mão sobre o Trentino e Trieste.

A Servia viu-se engrandecida e ampliados seus territorios.

A Rumania entrou pela Transilvania e pela Dobroudja.

A Grecia, apesar do seu papel dubio, alcançou vantagens e concessões.

E Portugal?

Nada conseguiu, nada nos deram, nem sequer nos restituiram Olivença, sacrificada n'um esquecimento ignobil.

E todavia era nosso dever acamaradar na guerra com os nossos *fleis* alliados. A Inglaterra garante-nos, em proveito proprio

a nossa autonomia. Convem-lhe ter abertas as nossas costas e fronteiras para penetrar em Hespanha.

Não que ella ainda se lembra com pavor da famosa *esquadra invencivel*, que, a não ser destruida pelos temporaes, subjugaria as ilhas britannicas.

Mas tinhamos *fatalmente* que entrar na guerra ao lado da Inglaterra. E sabem porque?

Porque a Allemanha e a Inglaterra, no desejo de se entenderem quanto ás suas possessões no ultramar, não duvidavam sacrificar-nos ás ambições d'aquella e á segurança d'esta.

Ainda em 1913, um anno antes da guerra, sabe-se pelo depoimento do príncipe de Lichnowsky, a Inglaterra dava consentimento á expansão allemã infiltrando-se por Angola e Moçambique, pagando nós as custas d'uma conciliação maquiavelica.

A Allemanha punha demasiada fé nos *gazes asphixiantes* e nas suas *tropas d'assalto*, mas a invenção dos *tanks* e sobretudo dos *carros de assalto* provaram como são inanes as conjecturas quando a dicta a barbarie.

Deus dementa primeiro aquelles a quem quer perder. E' uma velha sentença que teve confirmação plena.

Em janeiro de 1917 o Kaiser que se julgava um Atila, *um flagelo e um açoite de Deus* e o almirante Von Tirpitz resolveram a guerra submarina à *outrance*. Que enormidade e que desvario!

O afundamento do *Lusitania*, em que viajavam numerosos americanos, concitou e irritou os Estados Unidos. Mas o Kaiser e os allemães riam-se desse agastamento e dessa colera.

Paiz de mercantes! Mil e tantas leguas detinham essa irritação. Os americanos não transporiam aquella distancia, e o *negocio* impôr-lhe-ia o silencio e a inacção.

Que formidavel aberração! A America veio. Estabeleceu logo uma solida base em Bordeus, despejou contingentes até prefazer muito mais d'um milhão de soldados, e quando se deu a ruptura do celebre 9 de Abril e os allemães chegaram a Chateau Thierry os americanos cuadjuvaram a sacudidela consequente, mas o seu heroismo assellou-se quando numa arrancada esmagaram os allemães em Saint-Mihiel, e levaram a sua artilhesia até á frente dos fortes exteriores de Metz, embora deixando dos seus 25 mil mortos á retaguarda. Que sublime esforço!

Os nossos soldados, em parte desamparados na Flandres, sofreram sujeitando-se a todos os sacrificios. Honra lhes seja! Glorificada seja a memoria de quantos ali ficaram em leiva estranha pelo brião da nossa bandeira.

Ha nos quartéis a relação das respectivas perdas, e eu desejaria que, n'uma edição popular, se juntassem todos os nomes, para que nunca os esquecessemos.

A nossa raça tem virtudes dignas de serem presadas e postas em relevo.

Quantos heróes?

Foram tantos!

Lembrarei apenas aquelle episodio epico, em que um pobre soldado offegante vindo muito da retaguarda, perguntou no 9 de Abril a um official, que da guerra veio cego—Oh meu capitão dá licença que eu vá morrer com os nossos camaradas?

Que brado d'alma! Que valentia! Que abnegação?...

E este pobre soldado, talvez um rustico d'uma aldeia ignorada, que provavelmente ali baqueou mordendo a terra, como elle foi bem portuguez e como elle foi a synthese admiravel da nossa gente!

Nunca mobilisámos um exercito tão numeroso. Mais de 100 mil homens partiram para a França e para Angola e Moçambique.

No Cunene os allemães surprehenderam Cuangar e trucidaram um bravo official, Durão, e os soldados que guarneciam aquelle posto.

Em Naulila infiltraram-se no mato e atacaram aquelle fortim pelo lado de terra, calando as peças e incendiando as miseras bagagens dos que defendiam aquelle ponto.

Que duras provações as da guerra!

Os heroes... que apparencia teem? Como se distinguem?

Meus Senhores são entre nós vulgares e, em regra na sua modestia esforçam-se por passarem despercebidos.

Preside a esta reunião o Sr. Coronel José Cardoso Pinto Queimada. Esteve em França desde a remessa dos primeiros contingentes, e ali permaneceu no *front*, sem voltar a Portugal até ao fim da formidável campanha, sempre com serenidade e sem alarde. Creio que foi necessario que o tomassem pelo braço e lhe dissessem:—Vamos embora que *isto acabou!*

Na retirada de Newala, dois patricios nossos, Abel da Encarnação e o filho de João da Violante, passaram inclemencias, extraviaram-se no mato, andaram perdidos alguns dias de fome, de canção e amargura para tocarem o Revuma, e só por acaso estão vivos.

Quantos martyrios ignorados!

O capitão Manuel Telles, que esteve em Mocimba, nas operações do norte de Moçambique, foi poupado pelas balas, mas quando chegou a Lisboa onde a esposa anciosa o esperava no convez do paquete, elle subiu a custo a escada de accesso do beliche, e não era elle, era um farrapo humano... que se arrastava no ultimo alento d'uma existencia querida a apagar-se.

Meus Senhores—Saudo a Liga dos Ex-combatentes da Grande-Guerra e a sua comissão local, que generosamente me convidou a tomar parte nesta solemnidade.

Resta-me cumprimentar o meu querido amigo Sr. Coronel Pinto Queimada, militar brioso, e illustre Presidente d'esta reunião, e agradecer á assistencia a bondade com que se dignou applaudir as minhas palavras, dispensando-me uma attenção tão prolongada e affectuosa.

BIBLIOTECARIA



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

FUNDO
LOCAL

